

TERRORISMO IGNARO

por Mário Soares

Na semana passada, como escreveu o Expresso houve "três dias que abalaram Paris" e talvez um pouco mais, visto que os assassinatos que houve na redacção do jornal humorístico Charlie Hebdo, bem conhecido em França e em tantos Estados da União Europeia e mesmo dos Estados Unidos e da América Latina impressionaram profundamente imensa gente.

Os assassinos foram os chamados terroristas ditos jihadistas que se proclamam islamistas do tipo de Osama Bin Laden, que foi o fundador da Al-Qaeda, como se sabe. Que se proclamava do islamismo, mas nunca o foi, dado que o Islão, como tal é uma religião como o judaísmo ou o cristianismo.

Ora não se deve confundir o terrorismo com qualquer religião, seja qual for. Escrevo-o sendo eu, como se sabe, um não religioso, mas que respeita todas as religiões e contrário a todas as formas de terrorismo, quer invoquem ou não qualquer tipo de religião.

A líder do Partido "Frente Nacional", Marine Le Pen, atreveu-se a pronunciar-se em favor da pena de morte em França. É um oportunismo infecto que pretende opor-se à emigração de muçulmanos que queiram entrar em França, como se todos fossem terroristas. Pronunciou-se de novo a favor da pena morte, depois de tantos séculos da França ser um Estado profundamente democrático e humanitário, é desejar, em nome da extrema-direita, voltar a outra espécie de terrorismo, igualmente inaceitável...

PORTUGAL AINDA É UMA DEMOCRACIA?

Creio bem que não. Uma democracia implica a liberdade do Povo, que é quem mais ordena. Ora, em Portugal, com o Governo existente, protegido pelo actual Presidente da República, o Povo é completamente instrumentalizado e não tem, em matéria de obtenção de recursos, qualquer liberdade. Tem pensões cada vez mais baixas, de miséria, que lhe são impostas, e muitos portugueses têm tido que emigrar, para fugir ao crescente desemprego e aos salários de miséria.

A verdade é que desde o 25 de Abril de 1974 a ditadura acabou, instaurando-se a democracia social bem como as liberdades que com o actual Governo estão cada vez mais em causa. Os três anos e tal do actual Governo foram, no plano económico, desastrosos. Mas não só económico, também social, científico e cultural, perdendo-se muito das liberdades democráticas.

A chamada classe média tem vindo a desaparecer. E, na maioria dos casos, os portugueses têm vindo a perder muitos dos seus direitos, económicos, sociais e culturais.

Veja-se o que se passa em matéria de saúde. O Serviço Nacional de Saúde, uma pérola da democracia, esvaziou-se por falta de médicos e enfermeiros. Como se tem visto no actual período de pico da gripe.

A Justiça deixou praticamente de existir, com os Tribunais a serem encerrados a pretexto de uma nova organização judiciária criada pela Senhora Ministra. Causando o desaparecimento de processos e deixando que certos juizes possam desprezar na sua acção alguns princípios fundamentais relativos ao segredo de Justiça, como toda a gente percebeu com a prisão tão infame do ex Primeiro-Ministro José Sócrates.

Em matéria de escolaridade o ministro Nuno Crato conseguiu destruir imensas escolas e não ter professores suficientes para iniciar o ano lectivo, sem esquecer as excelentes Universidades que tínhamos e que agora não há dinheiro suficiente para manter, ao contrário do que acontecia no tempo do ilustre Professor Mariano Gago.

Não vale a pena citar outros Ministérios porque todos só pensam em nada fazer e no dinheiro, sabendo ao mesmo tempo que o actual Governo está totalmente paralisado. Vale a pena pensar no que acontecerá a este Governo, quando deixar de pagar os juros à Troika e tiver de pagar tudo o que lhe deve. O actual ministro da Economia, sempre tão cheio de graçolas, sem qualquer graça, que responda o que vai fazer. Parece que quer limitar-se à venda a retalho das empresas estratégicas, como a TAP ou, por omissão, o desmantelamento da PT.

O Governo está completamente paralisado, como disse antes, mas o optimismo do Primeiro-Ministro nunca se altera de discurso para discurso. Até ao discurso final... Entretanto a Coligação não funciona mas os chefes e os ministros não param de viajar. Pudera...

### ANGOLA E A LUSOFONIA

Quando estava no exílio, em França, por ter sido expulso de Portugal pelo meu antigo professor de Direito, Marcelo Caetano, conversei muito com jovens da Casa dos Estudantes do Império. Compreendi então que Portugal teria de dar a independência às nossas colónias, como outros fizeram, os ingleses e depois os franceses. Portugal não podia ser uma excepção. Era uma questão de tempo.

Quando se deu o 25 de Abril, que nos trouxe a Liberdade e a Democracia, era indispensável dar, quanto antes, a independência às colónias para vir a criar mais tarde a CPLP e a Lusofonia. Como ministro dos Negócios Estrangeiros, nomeado pelo Presidente General Spínola, comecei a ocupar-me da independência das colónias. O que me trouxe várias dificuldades, por Spínola e alguns portugueses quererem o fim das guerras coloniais sem lhes darem a independência. Uma impossibilidade absoluta, como se viu.

Curiosamente, o meu Pai foi ministro das Colónias durante a I República e fez alguns trabalhos bem interessantes para desenvolver as Colónias. Mas a situação após a II Grande Guerra mudou, como se viu com a Inglaterra e a França. O ditador Salazar julgava que o mesmo não se aplicaria a Portugal. Enganou-se com o que chamava Estado Português da Índia, e depois continuou a enganar-se com as guerras coloniais, sobretudo em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Conheci Agostinho Neto quando estivemos ambos presos ao mesmo tempo no Aljube, embora em celas diferentes, graças a um guarda prisional que mais tarde haveria de ser preso pela PIDE. E depois do 25 de Abril, quando Spínola me enviou à Europa para lhe explicar o que tinha sido a Revolução de Abril. Foi então que tive a oportunidade de poder conversar com Agostinho Neto na Bélgica, graças a um grupo católico, da Universidade de Bruxelas, que o ajudava.

No meu espírito a independência de Angola, como a de todas as outras colónias, tornou-se uma inevitabilidade pacífica, criando-se a Lusofonia.

Ora a Lusofonia é o mais importante para tudo o que tem a ver com Portugal, a começar pelo nosso querido Brasil, mas envolvendo também Angola, Cabo Verde, Moçambique, Timor e todos os Estados que falam a nossa língua comum.

Há poucos dias tive o prazer e a honra de receber na Fundação que dirijo o actual embaixador de Angola junto da CPLP em Portugal, Luís José de Almeida, querido amigo desde o tempo em que estivemos ambos exilados em Paris.

Angola que tanto aprecio, como uma grande e rica potência que hoje se encontra numa situação conjuntural difícil por causa dos Estados Unidos estarem a depreciar o preço do petróleo, fazendo-o descer. É certo que Angola tem muitas outras riquezas, como por exemplo os diamantes, a terra fértil, os rios e uma grande parte do Atlântico. E por isso sempre pensei que o Brasil, Angola, Cabo Verde e Portugal formassem um grupo Atlântico de enorme importância.

A Lusofonia vale mais do que muitos pensam. É por isso que não a devemos perder em todos os Continentes em que existe.

Neste período é fundamental que a cooperação e a entreaajuda de Angola com Portugal se reforce. O que este Governo não sabe fazer.

É que tendo Angola de diversificar as receitas com base nos seus imensos recursos e tendo Portugal alguma experiência em sectores fundamentais deve, enquanto país irmão, fazer o que puder para que Angola ultrapasse rapidamente as suas dificuldades.

Considero-me amigo do Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, que conheço desde os Acordos de Alvor, mas infelizmente não conheço pessoalmente a sua filha e conceituada empresária Isabel dos Santos. A qual devendo ter o apoio da proposta que fez à Portugal Telecom foi e tem sido tão mal tratada para que o Governo português feche os olhos à venda da empresa a terceiros, que provavelmente a desmantelarão a seguir, falando já no despedimento de 5 000 trabalhadores.

Ora, o projecto da empresária Isabel dos Santos salvaguardaria a PT como empresa estratégica para a Lusofonia.

No último Expresso o ilustre jornalista Nicolau Santos denunciou esta mesma desagradável situação. O actual Governo não se sabe guiar pelo interesse nacional nem tem qualquer noção da importância da Lusofonia.

### JOSÉ SOCRATES

É verdadeiramente hediondo que passado mais de um mês, o Presidente da República e o Governo não tenham dito uma palavra em defesa do que se está a passar com o ex Primeiro-Ministro José Sócrates. Preso, como se sabe com flagrante violação do segredo de Justiça. Sem se poder defender em julgamento, se é que há matéria incriminatória, que nunca surgiu.

Lisboa, 13 de Janeiro de 2015